

# **O evangelho do Cristo redivivo**

(ROMANCE)

Gustavo Gollo

Capa: Aline Montesino Fávaro

Editora Virtual

# O evangelho do Cristo redivivo

Em um Rio de Janeiro futurista, pós-olimpíadas, policiais, milicianos e bandidos se digladiam em uma atmosfera violenta e cruel, em uma guerra sem fim pelo poder das ruas.

Nesse panorama sujo, surge a igreja do Cristo redivivo, uma seita que crucifica um Cristo anualmente para nos salvar.

Ele veio para tirar os pecados do mundo; Ele está no meio de nós.

Esse é o Seu evangelho.

Gustavo Gollo

José Carlos, ou JC como era chamado, permanecia ansioso ante a expectativa do resultado da escolha do Cristo; aos trinta e três anos, chegava à final do concurso pela terceira vez consecutiva, sabia que seria a última. Agora fazia planos. Evitava conjecturar não ser o escolhido, situação que o obrigaria a dar novos rumos a sua vida, não sabia quais. Um sentimento de tristeza intensa e apreensão quase desesperadora se apossavam de sua alma assim que considerava essa hipótese, impossibilitando-o pensar com clareza, e traçar planos minimamente aceitáveis após tal derrota. Contrastando com essa possibilidade havia o sonho: ser o escolhido.

Já havia perdido a conta da quantidade de vezes em que se candidatara a Cristo, sonho de infância, repetidamente reacendido desde a adolescência, tendo havido, desde os treze de idade, apenas um ano em que não se candidatara; não o fez por uma infantilidade, uma birra, por não ter sido escolhido no ano anterior, mas se arrependeu. Desde então, passou a viver sob a meta de se tornar o Cristo, o Salvador, e toda a sua vida se voltou para esta finalidade única, de maneira que agora chegava aos trinta e três sem qualquer outra expectativa.

À sua frente o comovente espetáculo se desenrolava esplendorosamente ante os olhares atentos da multidão emocionada. Caminhava solitário em meio ao mar de gente, empurrado pelo povo. Assistia à crucificação do Cristo com as emoções eclipsadas pela apreensão relativa à escolha do novo Salvador. Pouca atenção prestava ao espetáculo, ou à multidão em torno, embora houvesse aguçado sua percepção ao extremo nos poucos momentos em que teve a sorte de se encontrar próximo o suficiente do Cristo para contemplar-lhe as feições, como em uma espécie de deformação profissional a guiar seus olhares independentemente de qualquer decisão consciente, conduzidos apenas pela força do hábito.

Havia visto inúmeras fotos do Cristo, e já lhe tinha estudado profundamente as expressões corporais e faciais, movimentos e gestos. Também conhecia em detalhes o seu sorriso, suas inflexões verbais, tonalidades... sabia imitá-lo com perfeição, e até mais que isso, acreditava conseguir igualar, e até superar a elegância de seus gestos e a veracidade de suas ações. Mesmo assim, convinha vê-lo ao vivo, sem retoques fotográficos ou qualquer outro truque gráfico. Era importante ver o seu suor, sua impressão na multidão, sua aura. Assim, quando se aproximou do Cristo atentou para cada detalhe de seu corpo, de sua expressão. Viu sua musculatura delineada sob a pele, seu porte atlético, apesar do cansaço por ter carregado a cruz, seus cabelos suados agitados ao vento em desalinho. Olhou em seus olhos e percebeu mais júbilo que piedade ou medo, fato que o inquietou. Uma constatação, no entanto, teve um efeito fortemente tranquilizador sobre si: eram ambos indiscutivelmente parecidos: a mesma altura, o mesmo porte, a mesma cor, em suma o mesmo tipo, havendo até um ou outro traço fisionômico assemelhado. Sabia que a semelhança teria um peso favorável na escolha do próximo Cristo; conviria haver uma continuidade entre ambos.

Em cada lado do Cristo, um homem estropeado pendia de uma cruz. Difícil adivinhar-lhe as feições disformes, bastante alteradas pela pancadaria da turba. Suas cabeças pendiam inertes, com as faces voltadas para baixo. Já não tinham os sentidos, se acaso ainda vivessem. Suas cruces, em segundo plano, eram menores que a do

Cristo, em destaque, e plantadas em um nível mais baixo, além de mais discretamente iluminadas que a dele. Estavam ali apenas para ressaltar a grandiosidade do Salvador, e escassos olhares se dirigiam a elas.

Uma mosca deixou a narina de um dos crucificados, evidenciando sua morte. Fato análogo já lhe havia causado repulsa em anos anteriores, não no ladrão, mas esvoaçando e penetrando no Cristo. Inseto pestilento e sacrílego; havia tentado em vão arquitetar algum plano para evitar tão sutil imundície. Planejou passar inseticida em torno das narinas, mas constatou que a boca incontrolavelmente aberta era entrada muito mais convidativa para elas. Pensou em dar instruções para que lhe vedassem os orifícios faciais, após a morte, com algodão embebido em pesticida, mas considerou a alternativa excessivamente artificial. Lembrava-se com clareza ainda, e com um misto de ironia e repulsa, do Cristo dândi, de anos anteriores, cujos cabelos volumosos e repletos de mechas coloridas e luminosas, após todo o suplício, mantinham o aspecto de haver acabado de sair do cabeleireiro.

Teve pena dos homens secundando o Cristo, aos seus lados; linchados pela turba, punidos com rigor desmedido por crime tão leve. Veio-lhe à mente, uma vez mais, a reminiscência muito antiga, a pergunta infantil, ainda nas aulas de catecismo: e se ninguém roubar?

A encenação pressupunha a presença de dois ladrões crucificados ao lado do Cristo. Já a pergunta ingênua presumia a necessidade do roubo para qualificar um ladrão. A truculência da pena sugeria a impropriedade do furto em tais circunstâncias: que louco arriscaria morrer linchado pelo povaréu, achacado pela multidão como castigo para tão leve delito? Por outro lado, que forças poderiam inibir hábitos já firmemente enraizados? Fosse como fosse, dezenas de ladrões eram flagrados e justicados todos os anos durante as festividades, havendo dificuldade apenas em encontrá-los ainda com vida. Mandamento inolvidável durante os festejos era: não corra! Na falta de um ladrão, o primeiro a correr se incriminava. Quanto às denúncias verbais, eram frequentemente rebatidas por acusação recíproca, não sendo rara a tentativa de fuga do delator, incapaz de sustentar tão vasta quantidade de olhares inquisitivos e acusadores. À fuga, seguiam-se inexoravelmente a captura, a condenação e o martírio do infeliz, sem que qualquer direito à defesa fosse ao menos aventado. Havia duas cruzes ao lado do Cristo, e alguém tinha que ocupá-las.

O potente sistema de som, magistralmente camuflado, iniciava os vibrantes acordes de *Jerusalem*, prenunciando o ápice da cerimônia. A versão abusiva, e ainda mais alucinada que a original, musicada sobre o poema do pintor e poeta britânico William Blake soava exalando fervor místico. O som do órgão cedia lugar à voz do cantor, que iniciava amena e ponderada:

*Teriam esses pés, em tempos antigos, caminhado sobre os verdes morros do Rio de Janeiro?*

E ainda que mantivesse certa suavidade na estrofe seguinte, era saudada entusiásticamente pela multidão à beira do delírio:

*E teria o Sagrado Cordeiro de Deus sido visto nas aprazíveis pastagens cariocas?*

A frase profética! A história registrava que o profeta J.C. de Deus teria sobrevivido a uma incursão punitiva de um caveirão, tanque blindado da polícia carioca, a um morro do Rio de Janeiro. Na mesma operação, doze homens foram mortos; nenhum sobrevivente ferido, como aliás era norma de ação do batalhão especial da polícia. J.C. de Deus teria sido alvo de intensa fuzilaria, juntamente com outros seis homens, todos eles crivados por dezenas de balas, ao som da mesma canção que soava no sistema sonoro naquele momento. Quando o caveirão deixou o local, repetindo a mesma música em seus auto-falantes, J.C. de Deus saiu de baixo da pilha de cadáveres banhado em sangue da cabeça aos pés, mas ileso. Miraculosamente, nenhuma das centenas de balas disparadas sobre os infelizes deitados no chão o atingira sequer de raspão. Sua irrupção repentina de sob os mortos, assustou os policiais ali remanescentes que, embora acostumados à sangueira mais bizarra e aos massacres mais atrozes, apavoraram-se com a figura ensandecida e ensanguentada a correr e a gritar.

Enquanto os policiais, enlevados pela pientíssima canção, fuzilavam os favelados, e ainda sob a mortualha, J.C. de Deus teria tido a visão do Cristo redivivo, do Cristo ressuscitado para salvar o mundo uma vez mais. Era a pedra fundamental da Igreja do Cristo Redivivo.

*E o Divino Semblante, teria brilhado sobre nossas colinas ensolaradas?*

As sucessivas perguntas formuladas na canção eram respondidas com gritos desvairados do povo, que ecoava também as expressões centrais de cada frase: “Divino Semblante” replicava a multidão entre gritos descontrolados.

*E foi a Terra Santa erguida aqui, em meio a estes negros moinhos satânicos?*

“Moinhos satânicos” repetia o povo, enquanto tentava encontrar algum alvo que se encaixasse na descrição. As expressões nos rostos anônimos se alteravam drasticamente, refletindo a piedade do divino semblante, para em seguida mascarar-se com o satanismo dos moinhos aventados. Em seguida, a voz do cantor quase se descontrolava para exigir em brados roucos e fervorosos:

*Tragam meu arco de ouro brilhante!  
Tragam minhas flechas do desejo!  
Tragam minha lança: Oh sombras, revelem-se!  
Tragam minha Carruagem de Fogo!*

Embalado pelos versos enfáticos, o cantor era pura paixão, enquanto o órgão e o restante da harmonia musical complexa ganhavam volume como se evoluíssem de si mesmas. A sonoridade adquiria corpo e tensão, enquanto as palavras eram pronunciadas alucinada e fervorosamente:

*Não cessarei os embates mentais;  
Nem minha espada descansará em minha mão  
Até que tenhamos erigido a Terra Santa  
Nas verdejantes e agradáveis terras cariocas.*

O fervor febril com que a última estrofe era cantada revelava uma comoção profunda. Contam que ao término da canção, durante as gravações no estúdio, o cantor teria tido uma síncope, da qual teria emergido profundamente tocado por revelações místicas atingidas durante o delírio.

As vibrações musicais ricas e complexas prosseguiram após o término das palavras enfáticas do cantor, findando repentinamente, deixando no ar um silêncio quase contundente. A luminosidade que inundava tudo ao redor da multidão também se extinguia abruptamente, restando apenas um intenso foco sobre o Cristo na cruz. Ouviu-se um “oh” pronunciado pela multidão extática, dissolvido rapidamente em um silêncio profundo, pio e tenso. A cena era obviamente o prenúncio de algo grandioso.

– PAI!

Era a voz do Cristo ecoando por toda a área através da aparelhagem de som oculta. O som cheio e rico alcançava os ouvidos de todos. Embora a presença do Cristo não chegasse a ser imponente, como a de outros anteriores, sua voz era convincente: clara, cristalina, mas, sobretudo, sumamente encantadora. Pronunciava as palavras com um sotaque irreconhecível, certamente construído com base em fonemas de diversos ramos linguísticos. O “p”, em especial, era pronunciado com muita energia, explosivamente, criando um efeito pesado e contundente; dava à palavra “pai” uma força inaudita, muito mais ainda aos ouvidos dos que podiam contemplá-lo a erguer a face para os céus, entre os braços abertos pregados à cruz, de onde o sangue jorrava em profusão. A inserção dos cravos nos punhos era feita com perícia para fazer o líquido escorrer abundantemente, enquanto as mãos eram posicionadas em altura superior à dos braços, de modo a derramar o sangue através deles sobre todo o corpo, de maneira espetacular.

A prece do Cristo dirigia-se ao todo poderoso; correspondia a um pedido de perdão pelos imensos pecados cometidos por toda a humanidade, impotentes e reles mortais, ignorantes de suas próprias ações e destino. O pedido comovente do moribundo endereçava-se aos céus, mas era a multidão que o ouvia inebriada e muda.

– PAI!

Uma vez mais, ouviu-se o brado enfático do Sagrado Cordeiro de Deus, do Homem imolado perante a multidão extasiada. Novos pedidos de desculpas à humanidade, implorados em um tom ainda mais contundente. As palavras pareciam ecoar nas nuvens que se fechavam sobre as cabeças da multidão.

Após um suspense proporcionado por nova pausa, pela terceira vez soou o brado:

– PAI!

Então ouviu-se um forte estrondo, como o arrastar de pesadíssimas ferragens, para, imediatamente, entreabrirem-se as nuvens em uma manifestação miraculosa incontestável! Enquanto a multidão se ajoelhava piedosamente, milhares de pessoas dentre elas desmaiavam em meio a gritos alucinados, apavorados, apaixonados! Indescritível o conjunto de sensações manifestando-se simultaneamente na multidão a mirar os céus extasiada.

O brado do Cristo redivivo ainda reverberava, quando as nuvens se abriram desvelando algo indescritível entre elas. Algo gigantesco, que não podia ser mirado. Algo intensamente sentido, mas indefinível. A presença permanecia imensa entre as nuvens abertas, quase certamente apoiava-se nelas, e mesmo assim não podia ser fixada, não permitia que olhos a captassem, apenas a sugerissem. O ser imenso estava lá, todos os olhos assim o garantiam, e mesmo assim nenhum deles era capaz de perceber-lhe a forma, nem tampouco a cor, ou qualquer das características que compõem os seres que conhecemos e que usualmente contemplamos com nossos olhos. A figura imensa se manifestava indiscutivelmente sobre as milhões de cabeças reunidas, mas não se permitia mirar com nitidez, evitava o foco da visão da multidão, permanecendo inerte às vistas de todos.

A voz do Cristo ganhou um tom mais cálido, uma vez ciente de que as preces eram ouvidas. Implorou novamente que perdoasse os homens: “eles não sabem o que fazem”.

Difícil interpretar o ribombar de trovões que se seguiu aos apelos, mas tanto eles, quanto os raios advindos simultaneamente eram apavorantes; explodiam pelos céus em cores nunca vistas, riscando mensagens cósmicas indecifráveis por toda a abóbada celeste, até cessarem subitamente deixando um céu estrelado e límpido.

As últimas palavras do Cristo trouxeram os olhares da multidão novamente para si. Os que estavam ajoelhados, quase todos, se ergueram em uma ola imensa e espontânea. As luzes voltaram a se concentrar sobre Ele, quando o pelotão de centuriões o cercou e, às vistas de todos, cravou a lança no peito do Senhor crucificado, arrancando-lhe um último grito lancinante, seguido rapidamente pelo suspiro final.

\* \* \*

Instantaneamente, JC lembrou que o resultado da escolha estaria sendo divulgado logo após a morte do Cristo, trazendo-lhe de volta toda a ansiedade que os momentos finais do espetáculo haviam desanuviado. Erguendo a cabeça acima da multidão, tentou encontrar algum atalho que lhe permitisse, de algum modo, contorná-la, mas percebeu que os centuriões, após uma pausa durante os momentos cruciais, voltavam a tanger o povo.

Sempre em grupos de três, e normalmente ladeados por paisanos, os centuriões, garantiam o fluxo contínuo da multidão. Embora armados com pistolas, eram desencorajados a usar as armas de fogo contra a turba, mas não poupavam o uso da espada, com a qual tangiam o povaréu como se fossem bois, golpeando-lhes o lombo com a face da lâmina quando assim julgavam necessário, guardando o fio para eventuais justicamentos, decorrentes, normalmente, de discórdias relativas ao uso anterior do instrumento. Assim sendo, não convinha a ninguém aproximar-se deles, sendo bastante sensato se afastar o mais possível, após uma aproximação imprudente ou forçada.

Conhecia de cor todas as etapas do espetáculo, e, vasculhando ao longe, notou um acesso ao posto de saúde entre a estação seguinte, onde ocorreria o enforcamento do Judas, e o ponto em que se situava. Desagradava-lhe aquela parte da encenação; o pobre Judas, quase sempre um homossexual amedrontado, era escolhido entre a multidão e coagido a participar da encenação enforcando-se. Nada ganharia com ela, exceto o opróbrio e o direito de evitar cair nas mãos da plebe irada.

Se JC tivesse estado indeciso quanto a seu destino momentâneo, a consideração acima seria suficiente para levá-lo até o atalho antes da última estação. Mas a apreensão quanto ao resultado da escolha do Cristo já era suficiente para guiá-lo até a saída. Caminhou buscando se situar mais à direita do fluxo, se aproveitando de sua altura avantajada para se manter fixo em seu alvo. Chegando à altura do posto médico, deixou o caminho principal e se embrenhou em sua direção, de lá direcionaria seu caminho para a saída, tomando o cuidado de cruzar a multidão apenas com uma margem enorme para chegar ao outro lado. Sabia ser impossível contrariar o fluxo, ou mesmo evitá-lo. Cada quilômetro seria arrastadamente percorrido.

Pouco antes de chegar à saída, quando já se encontrava em adensamento leve o suficiente para permitir determinar a velocidade do passo, ouviu o soar de metralhas. A quantidade de disparos o levou a concluir se tratar da execução de traficantes, palavra utilizada para descrever a população marginal aniquilada por policiais na região.

Enquanto o coração se apressava, apertou o passo em busca do resultado da escolha do novo Cristo, a ser divulgado na tenda maior, na saída do imenso palco ao ar livre.

Assim que adentrou a tenda foi interpelado por um desconhecido:

– Sr JC?

– Sou eu...

– Poderia me acompanhar, por favor? A abordagem era auspiciosa; nos dois anos anteriores, quando também tinha sido finalista e entrado ali pelo mesmo motivo, tinha tido alguma dificuldade para conseguir obter o resultado, tendo passado certo agastamento por isso. Desta vez o surpreendia o fato de ter sido reconhecido. Antes de ter cruzado todo o espaço da tenda já caminhava como o Cristo. Foi conduzido a uma ante-sala bem decorada onde lhe pediram que aguardasse.

O senhor que o recebeu com uma deferência incomum, comunicou-lhe o que naquele momento já imaginava: tinha sido o escolhido. Como último requisito restava apenas a confirmação. Foi-lhe explicado que sua escolha tinha sido baseada



em testes exaustivos, e que não cabia mais nenhuma dúvida quanto à sua aptidão, sendo necessária, no entanto, a sua confirmação.

Apesar dos cabelos brancos e da pele desgastada pelos anos, o senhor olhava para o Cristo com a mesma expressão com que, várias décadas atrás, teria mirado o próprio pai, enquanto perguntava se JC confirmava o seu desejo de se tornar o Cristo, e morrer na cruz como Salvador. Depois de breve pausa meditativa JC respondeu com expressão altiva e voz empostada que confirmava o seu desejo, já tantas vezes expresso, de ser o Cristo e de morrer na cruz pela salvação dos homens, transformando o olhar filial de seu interlocutor em um verdadeiro manancial de devoção. Em seguida, sob o testemunho de seis devotos, jurou morrer na cruz pelos homens, em um ritual já previamente ensaiado por ele. Agora JC era o Cristo.

Recebeu instruções para resguardar sigilo sobre a escolha. Nos dias seguintes adotaria a máxima: “em time que está ganhando não se mexe”, de modo a manter basicamente a mesma rotina que vinha seguindo nas últimas semanas, evitando com isso também a suspeita de que algo em sua vida houvesse mudado. No terceiro dia, o domingo, ressuscitaria como Cristo.

\* \* \*

No dia seguinte, sábado de aleluia, o Cristo acordou radiante, antes de clarear o dia já estava desperto. Consultou o relógio e se permitiu levantar. Achou que o tempo passava vagarosamente, embora estivesse a usufruir cada momento. Levantou e colocou água para ferver; durante a espera da fervura fazia uns agachamentos e subidas nas pontas dos pés. Coou o café, e enquanto o tomava, com umas gotas de adoçante, executou uns alongamentos para costas e pernas.

Barbeado e lavado, encaminhou-se à academia de ginástica. Era a sua rotina diária, mas estava especialmente alegre e bem disposto naquela manhã. Sempre sorridente, costumava irradiar alegria mesmo em dias comuns, mas nesse dia venturoso o contentamento parecia se lhe derramar.

Antes de sair para a academia de ginástica lembrou-se de tomar uma gota de vitamina, o que talvez lhe adicionasse algum vigor; seu efeito psicológico, no entanto, certamente seria considerável; iria se sentir especialmente forte naquela manhã.

Ao sair do prédio em que morava, percebeu que ainda estava escuro, cedo demais para entrar na academia, certamente. Decidiu encaminhar-se para a praia, bem perto, e estender a caminhada por lá para gastar o tempo e iniciar algum aquecimento. Andou só mais um quarteirão pela praia, e ao consultar o relógio de rua, constatou que já era hora. Voltou, e em dois minutos adentrou a academia naquele início de manhã ainda escuro, com o ar de jovialidade contrastando com a sonolência dos presentes.

Como de hábito, pedalou durante cinco minutos para aquecer os músculos, e se encaminhou em seguida para o aparelho no qual iniciava sua série mais pesada de exercícios musculares. Acrescentou mais uma anilha de peso à quantidade que usava normalmente no primeiro exercício, conforme planejara na cama, antes de dormir,. Apesar desse aumento, exercitou-se com facilidade, levando-o a acreditar que

conseguiria majorar o peso em todos os exercícios seguintes nos quais isso ainda fosse possível; em alguns deles já utilizava o limite máximo do aparelho, nesses, tencionava aumentar o número de repetições. O ânimo adicional conseguido após ter sido escolhido Cristo, dava-lhe forças para superar a si mesmo nas atividades musculares que costumava executar diariamente.

Terminadas as três séries longas de quinze repetições cada, dirigiu-se ao aparelho seguinte, e foi com imenso prazer que notou a facilidade com que erguia os pesos; sentia uma vitalidade exuberante que parecia não caber dentro dele! Aproveitou o embalo para executar cada movimento com precisão extrema, embora tivesse tido certa dificuldade em controlar a ânsia de apressar a movimentação.

Os exercícios transcorreram com rapidez e com um vigor até então inaudito que o espantou e o alegrou ainda mais. Tendo feito ainda uns alongamentos finais, deixou a academia de ginástica, quase aos pulos, sentindo-se com a força de um super-herói imbatível. Deslocou-se rapidamente até sua casa, onde vestiu o calção de banho e saiu imediatamente para a praia. A sensação de vigor extremo que sentia o levou a atropelar seus próprios planos; chegando à areia, retirou a blusa e iniciou imediatamente uma corrida de ida e volta por toda a extensão da praia.

Tendo terminado a corrida de oito quilômetros, percebeu que lhe faltava algo. Costumava fazer esse mesmo percurso todos os dias, mas normalmente corria só uma parte dele, durante a restante caminhava, aproveitando o momento para pensar em todas as coisas e, especialmente, planejar os eventos do dia. Apesar de certa exiguidade de tempo, considerou necessário estender um pouco a caminhada, acreditava que as idéias lhe vinham mais claras e fáceis durante essas jornadas pela areia. Precisava planejar sua vida, tinha ainda um ano inteiro pela frente, mas considerou que, os dias seguintes teriam uma importância especial: era imperioso se preocupar com o presente, uma vez que sua vida se encontrava radicalmente instável. Nunca tinha imaginado viver tanto, tinha sempre tido a certeza de que seria escolhido Cristo, e, portanto, imolado, e nem mesmo supunha que tal fato só viesse a acontecer tão tardiamente, na idade que considerava limite, razão pela qual não havia se preparado para um futuro considerado inexistente.

Naquele momento, suas finanças, se encontravam em um grau de precariedade, sendo nítido que precisaria de um apoio financeiro para chegar à paixão em plenas condições. Deveria aproveitar a caminhada para fazer os cálculos de suas necessidades econômicas. Era premente avaliar suas poucas posses, restos de uma herança já antiga, suas necessidades, e encaminhar um pedido à direção da igreja para o financiamento de tais encargos. Não haveria nisso nenhum esbanjamento, mas apenas a constatação das despesas com comida e habitação, principalmente, acrescidas de outras, como livros, roupas, transporte, além da mensalidade da academia de ginástica, assim como vitaminas e complementos alimentares convenientes para um atleta em atividade. Considerou a elaboração de uma lista completa de despesas, incluindo e discriminando telefone, despesas com papéis e computadores, eventuais despesas médicas, e outras igualmente pouco previsíveis, mas a constatação da imprevisibilidade de várias delas o levou a conjecturar que o melhor seria fazer a avaliação de uma renda que provavelmente viesse a ser satisfatória, acrescentasse a ela uns vinte por cento, como margem de erro para não

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

